

## Editorial

É com grande satisfação que apresentamos este número da *Numen* inteiramente dedicado às tradições religiosas e filosóficas da Índia. O estudo da complexidade, pluralidade e riqueza das tradições soteriológicas da Índia em seus desdobramentos de reflexão racional, imperativos morais e ritualismo está amplamente consagrado nas principais instituições universitárias do globo. Superados os equívocos orientalistas e atenuado o caráter eurocêntrico e messiânico que orientou sua disseminação inicial no Ocidente, o pensamento da Índia reclama, nos dias de hoje, um espaço legítimo de originalidade, rigor e cognição. Mais ainda, ele rejeita o rótulo positivista de “pensamento antigo” ao se apresentar como um fluxo de reflexão e práxis contínuas, de caráter dinâmico e plural, que se desenrolam desde tempos imemoriais até o presente. Por outro lado, sua expressão linguística por excelência – o sânscrito, língua de filiação indo-europeia – sugere uma proximidade privilegiada com a tradição europeia e, em especial, com seu núcleo de irradiação originária, viz., a tradição greco-romana.

Ressente-se a academia brasileira de enorme lacuna no que tange aos estudos especializados sobre a Índia, em particular nas esferas que mais diretamente nos interessam da religião e da filosofia. Não bastassem as razões fundadas numa pragmática puramente acadêmica, o momento geopolítico de conformação de uma globalização multipolar onde Índia e Brasil reivindicam um protagonismo crescente – vide a parceria no contexto dos BRICS e do IBSA - torna ainda mais imperativos os esforços conducentes a um maior conhecimento recíproco das respectivas realidades.

Foi, justamente, na perspectiva de contribuir para a consolidação dos estudos sobre a Índia na academia brasileira que foi criado

em 2002, no contexto dos Grupos de Pesquisas vinculados ao CNPq, o *Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia* (NERFI). Compreende, atualmente, um total de 25 pesquisadores entre docentes e discentes de várias instituições brasileiras, nomeadamente UFJF, UFMG, UERJ, UFF, USP e UFPB. O escopo investigativo do NERFI compreende a pluralidade de tradições soteriológicas que se desenvolveram no subcontinente indiano ao longo de mais de quatro mil anos, eminentemente vinculadas a dois conceitos fundamentais, organicamente articulados: (i) o conceito de *dharma* enquanto conjunto de práticas rituais e morais que se pretendem causa instrumental na produção de condições paradisíacas e que associaríamos à noção de ‘religião’ num sentido estrito; e o conceito de *mokṣa*, dimensão profunda de *dharma* (o *dharma* dos *dharmas*), enquanto reflexividade crítica, apofática, e eliminativa, em caráter definitivo, dos erros fundamentais sobre a natureza do ‘eu’ e do ‘mundo’ e que associaríamos à noção de ‘filosofia’ no sentido de dimensão profunda da ‘religião’. O eixo de sustentação do NERFI está institucionalmente localizado na UFJF e é parte constitutiva do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF). Congregam-se, em torno dele, pesquisadores e alunos de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Um de seus eixos fundamentais é a promoção da interação e do intercâmbio com especialistas oriundos da Índia e de outros centros de excelência no mundo.

O presente número da *Numen* constitui um passo importante nesses esforços. Nele se inclui, por um lado, uma seleção das comunicações apresentadas no III Congresso Internacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), realizado em São Paulo em 2011, no contexto do Grupo Temático “Religião e Filosofia da Índia” patrocinado pelo NERFI. Por outro lado, inclui ensaios de acadêmicos de reconhecida competência no exterior, cuja longa experiência nos estudos de religião e filosofia na Índia traz subsídios inestimáveis de caráter metodológico. Os três

primeiros artigos tratam de questões teóricas e conceituais que emergem no contexto dos encontros entre as religiosidades indianas e a modernidade ocidental; enquanto que os demais se debruçam, em maior ou menor grau, sobre casos pontuais relativos às diversas matrizes soteriológicas da Índia e seus desdobramentos contemporâneos.

Purushottama Bilimoria, professor da Universidade da Califórnia (EUA) e da Universidade de Deakin (Austrália), sustenta em seu artigo intitulado “O Que é o ‘Subalterno’ da Filosofia da Religião” que, não obstante o etnocentrismo europeu e seu projeto de uma razão instrumental, o compromisso fundamental da filosofia clássica indiana, em seus desígnios soteriológicos e outras dimensões cognitivas, está indelevelmente vinculado à racionalidade e às teorias da razão. À luz dessa herança “subalterna”, o artigo revisita criticamente os desdobramentos contemporâneos de caráter conceitual na esfera da filosofia da religião e aponta para a necessidade de superação de uma mera filosofia do teísmo judaico-cristão.

No mesmo viés argumentativo se insere o artigo de Jonardon Ganeri, professor da Universidade de Sussex (Reino Unido), intitulado “A Intellectualidade na Índia: Razão, Identidade, Dissenso”. Nele se afirma que a postulação tradicional de *nirvana* e *mokṣa* (libertação) enquanto ideais regulativos da tradição indiana que intentam elevar o homem acima de suas “paixões particulares” e a realização de unidade universal tal como proposta nos Upaniṣads dá sustentação contemporânea a um aparato racional-discursivo de caráter aberto, inclusivista, capaz de abarcar uma pluralidade de vozes, ortodoxas e dissidentes, pertencentes a diversas épocas, regiões e filiações.

O artigo de Makarand Paranjape, professor da Universidade Jawaharlal Nehru (Índia), intitulado “*Rasa* e *Saundarya*: Modernidade e a Estética da Dualidade”, postula um contraste fundamental entre a perspectiva estética da modernidade, fundada no princípio ontológico da dualidade e consagradora de uma “beleza cosmética” de apreciação subjetiva do belo (*saundarya*) e a perspectiva estética

tradicional na Índia, fundada na superação da dualidade ontológica e na experiência mística da unidade, consagradora de um “deleite estético” que é ele mesmo a própria experiência de ‘degustação’ da unidade (*rasa*) enquanto bem-aventurança.

Dilip Loundo, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora e Coordenador do NERFI, descreve, em seu artigo intitulado “A Mistagogia Apofática dos Upaniṣads na Escola Não-Dualista [*Advaita Vedānta*] de Satchidanandendra Saraswati”, a estrutura e o *modus operandi* do argumento soteriológico dos Upaniṣads [*adhyāropa-apavāda*] na obra do pensador contemporâneo Satchidanandendra Saraswati. Baseado na definição dos Upaniṣads como “instrução secreta” (*upadeśa*), o artigo analisa em detalhe a mistagogia apofática de Saraswati enquanto disciplina racional rigorosa e, simultaneamente, “estratagema da imaginação” (*upāya*) justificável apenas em função dos resultados, *viz.*, a autorrealização (*mokṣa*).

O artigo de Carlos Gohn, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, é intitulado “A Reescrita de Uma História da Índia [*Sāvitrī*] e Sua Transformação em Um Texto Sagrado”. À luz da teoria literária contemporânea, o autor analisa, através de um estudo de caso, os fatores que condicionam o surgimento de textos sagrados a partir de textos pré-existentes e reelaborados. A obra em questão é o poema épico *Sāvitrī* composto pelo pensador indiano contemporâneo Sri Aurobindo. O poema foi baseado numa narrativa do *Mahābhārata* e foi publicado em 1950. Desde então, o texto tem sido alvo de um processo de ‘sacralização’ por parte de seus seguidores.

O artigo de Evandro Ouriques, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “Gandhi, Psicopolítica e Comunicação Distribuída: *O Auto-Governo é o Nosso Direito de Sangue*” constitui uma incursão no campo da filosofia política de Mahatma Gandhi. O argumento central é o de que a noção gandhiana de Verdade, fundada na imanência do estar-no-mundo e no amor enquanto ‘envolvimento total com o outro’, dá sustentação a uma perspectiva civilizatória centrada na razão cognitiva de fundo

axiológico que faz da ‘gestão de si’ uma ‘superação de si’ e que se institui, assim, como condição imperativa para a livre atividade política enquanto ‘comunicação distribuída’.

Fabrcio Possebon e Leyla Brito da Silva, professores da Universidade Federal da Paraiba, so os autores do artigo intitulado “Uma Interpretacao Bachelardiana do Rg-Veda, IV-19”. A luz da “poetica do devaneio” de Gaston Bachelard, o artigo analisa um dos textos mais antigos da tradicao dos Vedas e, mais especificamente, um dos hinos dedicados ao deus Indra, figura prominente do panteao vedico antigo. A nocao fundamental que acompanha a interpretacao do texto e a poetica bachelardiana dos quatro elementos [fogo, agua, ar, terra] entendida como fonte arquetipica da beleza e da expressividade da poesia.

Joaquim Monteiro, monge budista e professor da Unipaz, em seu artigo intitulado “A Filosofia Indiana e o Pensamento Chinês: Uma Análise das Traduções Chinesas do *Abhidharma Kośa*”, analisa a influencia da escola filosofica indiana do budismo Yogacara no pensamento moderno da China. O estudo visa ao esclarecimento do pano de fundo conceitual do pensamento indiano na China atraves da analise comparativa das duas tradicoes chinesas do *Abhidharma-Kośa*, obra fundamental do filosofo Vasubandhu [séc. IV]. Dois conceitos merecem uma analise mais detalhada: *dharma* (categoria constitutiva da realidade) e *dharma-pravicaya* (discriminacao analitica dos *dharmas*).

O artigo de Maria Lúcia Gnerre, professora da Universidade Federal da Paraiba, e intitulado “*Gheraṇḍa Saṃhitā*: Corpo e Libertação na Tradição do Haṭha Yoga”. Depois de um breve mergulho na história milenar do Yoga, seus princípios e conceitos fundamentais, o artigo analisa um dos textos fundamentais da tradição indiana do *Haṭha Yoga*, viz., *Gheraṇḍa Saṃhitā* [séc. XVII], compêndio de posturas e práticas meditativas. Além dos aspectos gerais, a análise inclui, ainda, uma avaliação detalhada da postura denominada de *siddhāsana* que, segundo a tradição, é a que mais diretamente conduz o praticante à libertação.

O artigo de José Rubens Turci, pós-doutorando da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “Uma Visão Polifônica sobre a Gênese da Ciência do Sagrado na *Bhagavad Gītā*”, constitui uma incursão no campo da filosofia da ação através da leitura hermenêutica do *Bhagavad-Gītā*, importante texto da tradição soteriológica indiana. O artigo analisa a proposta fundamental de uma ‘yoga da ação’ (*karma-yoga*) enquanto possibilidade de investidura de toda a práxis (dita) profana de uma dignidade espiritual, fazendo recurso analógico à noção de ‘romance polifônico’ de Mikhail Bakhtin.

Clodomir de Andrade, professor da Universidade Cândido Mendes, em seu artigo intitulado “O Monismo Shivaíta da Caxemira e Sua Inserção no Debate Filosófico Indiano” analisa, de forma concisa, as principais correntes tântricas medievais da região da Caxemira que estão na base de uma das vertentes mais influentes da religiosidade indiana contemporânea, viz., o shivaísmo. O artigo mapeia os principais filósofos, notadamente Abhinavagupta (séc. X), suas doutrinas marcadamente embasadas em pressupostos não-dualistas (*advaita*), seus encaminhamentos soteriológicos, e seus textos canônicos.

Gisele de Lemos, pesquisadora-doutoranda da Universidade Federal de Juiz de Fora, em seu artigo intitulado “A Antropofagia Indiana na Obra de Amitav Ghosh” empreende uma análise da obra do escritor indiano contemporâneo Amitav Ghosh enquanto expressão de uma cirurgia pós-colonial que articula, de forma criativa, ‘antropofágica’, elementos tradicionais com elementos adventícios da modernidade ocidental. O artigo sustenta que a cirurgia operada por Gosh sugere uma leitura afirmativa do binarismo ‘domínio espiritual’/‘domínio-material’ proposto por Partha Chatterjee, na qual o espiritual se reinventa enquanto imaginação criadora.

O sistema de transliteração das palavras sânscritas segue o Sistema Internacional de Transliteração (IAST).

Esperamos que este número contribua significativamente para a pesquisa destes temas no Brasil.

*Prof. Dr. Dilip Loundo* (editor do número)  
*Prof. Dr. Frederico Pieper* (editor da revista)